

ESCOLA: CANAL DE ESPERANÇA PARA “MELHORAR DE VIDA”

Minha trajetória escolar atrelada à constituição familiar é marcada por situações traumatizantes de sofrimento, angústia, decepções e tantos outros sentimentos que se encontravam adormecidos, ou covardemente esquecidos, como um mecanismo de defesa da memória de se livrar do que não faz sentido e causa dor.

Essas lembranças foram despertadas no ano de 2015. Iniciando minha participação no grupo de pesquisa **EJA em Ação**¹, fui instigada a retomar essas memórias dialogando com o teórico francês Bernardo Charlot, por intermédio do livro **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. O desafio era escrever ou reescrever nossa história de vida escolar, à luz do que suscita o autor, quando analisa a relação entre o desempenho escolar de uma criança e a classe social que seus pais ocupam, desmistificando os tabus enraizados nas teorias e nas práxis escolares de que pobre não aprende a ler e escrever e que são sempre fracassados na vida escolar. Desse modo, quebra-se o encanto e o senso comum de que **a escola é espaço de alegria e felicidade**.

Movida por esse sentimento, enraizado e/ou semeado desde o meu gerar no ventre da minha mãe, descrevo minha história escolar como a história da minha vida, supondo ser a história de vida decorrente da própria constituição do que fui e do que sou, como pessoa e como projeto próprio.

Sou natural de uma cidade interiorana do brejo paraibano, Serraria, situada geograficamente a 612 m de altitude acima do nível do mar, município de monocultura na época da cana-de-açúcar, dos engenhos de produção de rapadura e cachaça. Nesse cenário, minha família se constituiu. Minha mãe, cabocla do campo, trabalhadora da roça, sem estudos, não alfabetizada. Meu pai, trabalhador dos engenhos e operário das estradas. Ambos, porém, na sua inocência e ignorância, abdicaram da humilde vida para conduzir seus sete filhos (seis mulheres e um homem) ao caminho do saber, por sentir que a escola seria o “único” canal de saída para melhoria de vida.

¹ Universidade Federal da Paraíba, Campus I, Centro de Educação.

Assim, nessa estrutura familiar, como primogênita, me senti responsável para dar o pontapé inicial, ser a luz para iluminar horizontes para os demais. Impulsionada por uma razão de agir, denominada como “móbil”, apontada por Charlot (2000) como ação inconsciente, fator de decisão que determina a vontade.

Nesse sentido, iniciei minha trajetória escolar aos seis anos de idade, indo para a escola aprender as primeiras letras no processo de leitura e alfabetização. A escola era beneficente², voluntária, cuja professora era paraplégica, com uso de cadeira de rodas. Preenchia seu tempo ensinando as primeiras letras, numa práxis ingênua mas opressora para com as crianças das famílias pobres e discriminadas, as quais eram excluídas da escola nos aspectos de acesso e permanência.

A única instituição pública educacional da cidade era o grupo escolar, exclusividade no atendimento aos filhos da classe “burguesa”, os ricos da cidade, donos de cartório, comerciantes, funcionários públicos, administradores de engenhos e outros, reforçando, assim, a desigualdade social e a negação do direito ao saber das crianças pobres. Conforme Charlot (2000, p. 73),

“O mundo” é aquele em que a criança vive, um mundo desigual, estruturado por relações sociais. “EU”, “o sujeito”, é um aluno que ocupa uma posição, social e escolar, que tem uma história, marcada por encontros, eventos, rupturas, esperanças, a aspiração de “ter uma boa profissão”, a “torna-se alguém”, etc. “O outro” são os pais que atribuem missões ao filho, professores que “explicam de maneira mais ou menos correta, que estimulam ou, às vezes, proferem insuportáveis “palavras de fatalidade”.

A propósito dessa estrutura de desigualdade social, estou eu na cartilha do ABC, muito feliz, cheia de esperança, remetida a um movimento de realização do desejo projetado. Grande esperança, maior tristeza, decepção, frustração quando, no primeiro dia aula, Dona Inácia, a professora, mandou que fizesse a letra “A”, seca, vazia, sem contexto ou significado. Então, toda feliz, aquela felicidade revelada por toda criança quando rabisca

² Escola Primária de Dona Inácia.

algo e nomeia, fiz eu – junto com uma amiga, Maria do Céu, a Céu de Dona Nevinha, o rabisco da letra “A”. Levamos para Dona Inácia corrigir, já que ela não se movimentava e ficava na cabeça de uma mesa grande, na sua cadeira de rodas. Nós, alunos, ficávamos sentados em dois grandes bancos de madeira dos lados da mesa.

Relembro, nitidamente, as palavras de Dona Inácia, ao corrigir o ‘A’ da Céu que estava muito bonito, bem feito. O meu, entretanto, era um sapo de rabo, pois havia feito uma bolinha e puxado uma perninha para cima. Foi grande a dor, a tristeza, a decepção, o desencanto de uma criança que, mental ou inconscientemente, tinha projetado um plano de realização.

Minha tristeza foi acrescida, quando cheguei em casa chorando em prantos, contando, para minha mãe, a humilhação da professora. Minha mãe, na sua humilde ignorância, me consolou dizendo: – **Não chora, filha! É assim mesmo... Pobre não aprende. Não vê eu: não escrevo nem meu nome! Só sei o que é um “O” por tomar café num copo.** Chorei, chorei. Falei que não iria mais para aquela escola, mas não existia outra na cidade.

Mesmo com toda tristeza, persisti e fiquei, todo o dia, rabiscando e treinando o “A”, sozinha, uma vez que, na minha casa, não tinha quem me ensinasse, tampouco estimulasse para a capacidade de aprender. Os estímulos eram da negatividade e da acomodação para o enxergar a submissão da classe social proletariada, a que eu pertencia. Não tinha com quem partilhar os saberes. Recusava-me ir à casa da Maria do Céu, vizinha que estudava na mesma escola, por ela ter zombado de mim, do meu sapo de rabo.

Essas e outras experiências podem concorrer para o desencanto com a escola e o estabelecimento de trajetórias de fracasso, entendido como fenômeno resultante de processos catalisadores da frustração, da decepção e da insatisfação produzidos na relação com a escola e com o saber:

“[...] fracasso escolar” (grifo do autor) é uma chave disponível para interpretar o que está ocorrendo nas salas de aula, nos estabelecimentos de ensino, em certos bairros, em certas situações sociais. [...] A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço

público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo...” (CHARLOT, 2000, p. 14).

Nesse cenário de tantos obstáculos, todavia sentindo-me como obreira da felicidade (HANNOUN, 1998, p. 42), fui me fortalecendo e começando a trilhar o meu caminho no âmbito escolar, pressupondo a eficiência e o valor positivo da escola, focada na dimensão da razão pela qual as coisas seriam transformadas. Assim, ser uma boa aluna e me destacar nos estudos era uma estratégia de ser alguém e melhorar de vida, vida muito sofrida, de pobreza mas de muita esperança. Essa realidade me levava ao forte envolvimento com a aprendizagem, para ser reconhecida e melhorar de vida, “móbil” que dava sentido a esse processo. Segundo Charlot (2000, p. 72),

Toda a relação com o saber é também relação consigo próprio: através do “aprender”, qualquer que seja a figura sob a qual se apresente, sempre está em jogo a construção de si mesmo e seu eco reflexivo, a imagem de si. A criança e o adolescente aprendem para conquistar sua independência e para tornar-se “alguém”.

Nesse contexto contraditório, fui construindo minha história, com fúria imponderável de ser bem sucedida, buscando arduamente as alternativas, superando os entraves iniciais e dando saltos significativos de sucesso no processo de ensino e aprendizagem. O primeiro fato aconteceu com a promoção no mesmo ano para a cartilha do povo. Não sei classificar que série, turma, ano. O que sabia era que começava a elevar a minha autoestima. Apesar disso, na maioria das vezes, fui castigada pela “rebeldia”, comportamento que, paralelamente a todo esse percurso, fui construindo e a ele aderindo, como um mecanismo para ser vista, percebida, superando a passividade da aluna boazinha, bem comportada, mas que nunca foi notada.

Meu desempenho escolar foi acontecendo em alta velocidade e sendo visível. Movida pelo meu “móbil”, fui dedicando todo meu tempo às leituras e às tarefas escolares, extrapolando as determinadas pela professora. Sempre em busca de novos saberes e seguindo, com sucesso, minha trajetória escolar, nunca fui reprovada. Foi quando, já na 3ª série primária, ainda na mesma escola, com a mesma professora, Dona Inácia, me submeti a um teste de seleção do exame de admissão, logrando aprovação com excelentes notas, em

primeiro lugar. Fui cursar o 1º ano do curso ginásial de comércio no Colégio Antonio Bento, como bolsista, pelo êxito alcançado, resultado de destaque.

Esse fato contribuiu para, no ano seguinte, participar de um processo seletivo para auxiliar da professora Dona Inácia, que, por ser paraplégica, cadeirante, necessitava de alguém para executar as atividades educativas de escrever no quadro negro, tomar as lições dos alunos menores, por ser turma multisseriada, conduzi-los para outros espaços quando necessário e monitorar no recreio. Essa atividade foi o início da minha profissão como educadora, efetivando-se mais tarde, em 1970, como alfabetizadora de Jovens e Adultos no antigo MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Situada no engenho Campo Verde, a escola funcionava à luz de candeeiros, sendo a turma composta por trabalhadores braçais do corte da cana-de-açúcar que, mesmos cansados, sonhavam em aprender a escrita do seu nome, para tornar-se eleitor e, conseqüentemente, vender-se e ficar submisso ao político da região.

Foram essas situações vivenciadas e atreladas à minha história de vida que deram início a uma tomada de posição ousada no sentido da busca de novos saberes que contribuíssem para a superação dessa armadilha, dessa prática manipuladora.

Hoje, à luz de um novo sentir, um novo olhar, vale ressaltar que foram estas barreiras, estas turbulências na minha vida escolar o caminho para a melhoria de vida. Através dos saberes e conhecimentos adquiridos na escola, tornei-me a pessoa e a educadora que sou hoje, seguidora e simpatizante do pensamento freiriano, cujo processo de compreensão da minha própria vida suscita uma inteligibilidade biográfica, como uma base reflexiva dos fenômenos educacionais, por ser e ter sido produto das categorias cultura, homem e mundo, opressão e silêncio, consciência crítica, escola como espaço de produção ou reprodução.

Referências

CHARLOT, B. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Maria de Fátima Pereira da Silva
Rede Estadual de Educação da Paraíba

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

Maria de Fátima Pereira da Silva

Graduada em Pedagogia pela UFPB (1985), especialista em Metodologia do Ensino Técnico (UFPB, 1991) e em Supervisão e Orientação Educacional (UFPB, 2002). Professora e supervisora educacional aposentada das redes estadual e municipal de João Pessoa (2015). Representante e membro do Fórum Estadual de EJA. O texto “Escola: canal de esperança para “melhorar de vida” é o prenúncio da sua trajetória escolar, compreendida entre 1963 a 1973. A infância e a adolescência foram marcadas pelos traumas e desencantos da vida escolar, incorporados pela dimensão espiritual como vitória.

E-mail: fatimaps@hotmai.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016